

Nº 5 - SETEMBRO 2019

REVISTA

RECONEXÃO

PERIFÉRIAS

HTTPS://WWW.FLICRR.COM/PHOTOS/TUPINAGO/



Saúde mental nas classes populares

CHACINAS E GÊNERO

Como as chacinas afetam as mulheres?

ENTREVISTA **ROBERTO TYKANORI**

“Sem serviço público, será a barbárie”

AGENDA DE LUTAS SETEMBRO DE 2019

Saúde mental nas classes populares

NATHANY REGINA



Qual é o significado de falar de saúde mental para as classes populares, para o “povão”, para as periferias? É quebrar estigmas? É lutar pelos direitos individuais ou coletivos? É avançar no sentido do fim do sofrimento ou do aumento da patologização da sociedade? São estes pro-

blemas de ordem cultural ou possuem relação com outras questões, como emprego e direitos sociais?

O que a realidade nos tem mostrado, com números cada vez mais assustadores, é que o sofrimento psíquico tem levado a juventude a tomar decisões extremas,

que chegam ao limite da retirada da própria vida.

Nós entendemos que quando se trata de saúde mental há diversos estigmas a serem quebrados. O primeiro deles é que, uma vez esclarecido que problemas de saúde mental podem acometer qualquer um, este sujeito

PROJETO RECONEXÃO PERIFERIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO E ORGANIZADOR DA EDIÇÃO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTORIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ **EDITOR** ROGÉRIO CHAVES ■ **REVISÃO** CLAUDIA ANDREOTTI ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CACO BISOL PRODUÇÃO GRÁFICA

■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** MARCIO POCHMANN (PRESIDENTE), ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS (DIRETOR), ISABEL DOS ANJOS LEANDRO (DIRETORA), JOAQUIM CALHEIROS SORIANO (DIRETOR), ROSANA RAMOS (DIRETORA)

que sofre em um determinado momento da vida não precisa conviver com a pecha de *louco*. Além disso, o estigma de que o sofrimento causado pela saúde mental – em diagnósticos como depressão ou transtorno bipolar, por exemplo – não é preciso de classe média ou um sofrimento menor cuja dramaticidade é aumentada pelo fato de a pessoa não ter coisas maiores com o que se preocupar. Reconhecer que este tipo de sofrimento é relevante para a sociedade e chega também às classes populares é uma forma de reconhecimento humano do direito à subjetividade.

Os números que a realidade brasileira tem suportado são dos piores. Como se não bastassem os homicídios em níveis de guerra conflagrada, a taxa de suicídio entre adolescentes que vivem nas grandes cidades brasileiras aumentou 24% entre 2006 e 2015, informa pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Não se trata de uma discussão simples: esses pesquisadores apon-

Como se não bastassem os homicídios em níveis de guerra conflagrada, a taxa de suicídio entre adolescentes que vivem nas grandes cidades brasileiras aumentou 24% entre 2006 e 2015.

tam ainda que o crescimento econômico facilita o acesso a drogas que podem potencializar os distúrbios que levam ao suicídio; também a tecnologia, por meio do acesso à internet, facilita buscas sobre técnicas de suicídio, além de potencializar o chamado *cyberbullying*. Já um levantamento do Ministério da Saúde informa que, entre 2012 e 2016, o suicídio entre os jovens negros aumentou 12% e permaneceu estável entre os jovens brancos – demonstrando como o racismo pode agravar ou mesmo causar problemas de saúde mental. Com base neste conjunto de indícios, precisamos ampliar o debate sobre o assunto entre as organizações e ativismos de periferias.



FELIPE FERNANDES

Sem dúvida, isso alerta para que mais e melhores políticas públicas para a saúde mental sejam disponibilizadas como um todo, e para a prevenção do suicídio, em particular. Tudo isso começa pela mobilização da sociedade em torno deste problema que não pode mais ser calado e, portanto, nesta edição nos impusemos o desafio de chamar pessoas de referência no debate sobre questões ligadas às periferias e à saúde mental para oferecer nossa contribuição no enfrentamento de mais este desafio. ■

Juliano Moreira: um homem à frente do seu tempo

WEBER LOPES GÓES

WEBER LOPES GÓES
 É DOUTORANDO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, BOLSISTA DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES E PROFESSOR DA FACULDADE DE MAUÁ – FAMA. WAFRICAN@HOTMAIL.COM
 AUTOR DE *RACISMO, EUGENIA NO PENSAMENTO CONSERVADOR BRASILEIRO: A PROPOSTA DE POVO* EM RENATO KEHL (DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, 2015, UNESP)

A preocupação em relação aos destinos do Brasil enquanto nação passou a ser alvo de controvérsias entre as elites brasileiras a partir da abolição da escravidão (1888) e da consolidação da Primeira República (1889). Em primeiro lugar, a questão colocada era como considerar os descendentes de escravos como humanos e inseri-los na sociedade, tendo em vista que antes da extinção das relações baseadas no trabalho escravizado não eram considerados humanos. Em segundo lugar, havia a preocupação em relação à constituição de um grupo “eleito” para representar e expressar o estágio de “civilidade” e “modernidade” da nação brasileira. Em terceiro lugar, os pensadores pertencentes às elites brasileiras acreditavam que o problema do país estaria na falta de higiene; na proliferação de doenças, como sífilis, febre amarela etc.; na prolifera-



“Os pensadores das elites brasileiras acreditavam que o problema do país estaria na falta de higiene, na proliferação de doenças, de “doentes mentais”, prostitutas, delinquentes.”

ção de “doentes mentais”, prostitutas, delinquentes, em suma, todos aqueles considerados “anormais”, considerados empecilhos para a concretização da República. Com a finalidade de responder a essas questões, os ideólogos pertencentes ao setor da *intelligentsia* brasileira vão reproduzir estudos

estrangeiros sobre o Brasil e elaborar sugestões para superar tais realidades.

Para situar o leitor nessa formulação, basta observar alguns teóricos que formataram propostas para a superação das referidas questões a partir das políticas encabeçadas pelo Estado: Silvio Romero (1851-1914), Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e Oliveira Vianna (1883-1951).

No caso de Romero, este acreditava que a dizimação do africano no Brasil, denominada por ele como “seleção natural”, seria efetivada a partir da extinção do tráfico de escravos, ao lado do extermínio de nativos americanos e da política de imigração de trabalhadores europeus. Com essas medidas, estimava que o branqueamento do Brasil se daria em até quatro séculos. Por sua vez, Nina Rodrigues, em *As raças humanas e a responsabilidade penal*, aborda a necessidade de encampar leis que considerassem as diversidades. Apoiado no escopo racista, argumenta que os negros não deveriam

De acordo com esses pensadores brasileiros, os grupos sociais “doentes mentais e anormais”, e os “não brancos”.

ser tratados em igualdade com os brancos, por serem, em sua concepção, biologicamente inferiores e sugere o aumento da população branca, que deveria ser protagonista e dirigente das instituições brasileiras. Por fim, Oliveira Vianna¹, nutrido-se da metodologia do principal ideólogo da eugenia, Francis Galton². O objetivo era consolidar uma ciência – a Eugenia – que estudasse o histórico familiar das pessoas consideradas indesejáveis e, a partir dos resultados, sugere que os insignificantes deveriam ser extintos da sociedade.

De acordo com esses pensadores brasileiros, os grupos sociais “doentes mentais e anormais”, e os “não brancos” deveriam ser extintos. É com esse sentimento que o Estado brasileiro formulará

estratégias para dizimar os povos não brancos ao longo da história. A ideologia do branqueamento serviu como mecanismo para solucionar o “problema da identidade nacional” e está intimamente ligada à questão da mestiçagem, sendo essa ideia a expressão “da fase transitória e intermediária do pavimento da estrada que levaria a uma nação brasileira presumidamente branca” (MUNANGA, 2004, p. 56).

Em face desse contexto, emerge Juliano Moreira (1873-1933), mestiço e de origem pobre, nascido em Salvador no dia 6 de janeiro. A sua envergadura está comprovada em sua tenra idade, isto é, aos 13 anos de idade matriculou-se como interno na Faculdade de Medicina da Bahia, e, em 1891, defende a sua tese intitulada *Sífilis maligna precoce*. A referida pesquisa, para além de ser alvo de tamanhos elogios, recebeu prestígio no exterior, principalmente no *Jornal Des Maladies Cautanéés et Syphiliques* e nos *Annales de Dermatologie*

1. PARA MELHOR APREENSÃO SOBRE OS AUTORES ACIMA CF. MUNANGA (2004); MOURA (1990) E SKIDMORE (1976).

2. FRANCIS GALTON É PRIMO DE CHARLES DARWIN E PRECURSOR DO MOVIMENTO EUGENISTA NO INTERIOR DA EUROPA. PARA APROPRIAÇÃO DO TEMA, CF. GÓES (2018) E BLACK (2003).

3. A PARTICIPAÇÃO DE J. MOREIRA NA GAZETA MÉDICA DA BAHIA FOI ÍMPAR, POIS ATUOU DESDE 1893 ATÉ 1915 NA CONDIÇÃO DE COLABORADOR E REDATOR, COLOCANDO O REFERIDO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO NA POSIÇÃO DE DESTAQUE NA HISTÓRIA DA MEDICINA NA BAHIA E EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL. SOBRE A HISTÓRIA DA REVISTA E A PARTICIPAÇÃO DO PENSADOR BAIANO CF. JACOBINA E GELMAN. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.SCIELO.BR/PDF/HCSM/V15N4/EN_11.PDF>. ACESSO EM: 15 AGO. 2019.

4. SOBRE A BIOGRAFIA DE MOREIRA CF. VENANCIO, A. T. A. AS FACES DE JULIANO MOREIRA: LUZES E SOMBRAS SOBRE SEU ACERVO PESSOAL E SUAS PUBLICAÇÕES. ESTUDOS HISTÓRICOS, RIO DE JANEIRO, N.36, JULHO-DEZEMBRO DE 2005, P. 57-73.

5. REFERENTE À IDA DE MOREIRA AO JAPÃO CF. VENANCIO (2005). DISPONÍVEL EM: <HTTP://BIBLIOTECADIGITAL.FGV.BR/OJS/INDEX.PHP/REH/ARTICLE/VIEW/2241/1380>. ACESSO EM: 09 SET. 2019.

et Syphiligraphie. Cinco anos depois, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia como professor substituto da Seção de Doenças Nervosas, depois de defender a sua dissertação *Disquinesias arsenicais*. Na Bahia, a sua empreitada se deu nos estudos sobre dermatologia e à neuropsiquiatria e, ainda, teve um papel fundamental na colaboração da *Gazeta Médica da Bahia*³, na *Revista Médico-Legal* e na *Revista dos Internos da Faculdade de Medicina da Bahia*, além de integrar a *Sociedade de Medicina e Cirurgia* e da *Sociedade de Medicina Legal da Bahia*⁴.

Entre 1895 e 1902, a fim de se tratar da tuberculose, Juliano Moreira vai à Europa e, ao mesmo tempo, aproveita a sua estadia no velho continente para frequentar diversos cursos de doenças mentais, cujas aulas eram ministradas pelos professores Flechting, Krafft-Ebing, Émil Kraepelin, Magnan, entre outros. As sistematizações de seus estudos foram publicadas na *Revista Gazeta Médicos da Bahia*. Ainda no referido continente, o

médico baiano fez estágio de anatomia patológica com Virchow e visita as principais clínicas de psiquiatria e manicômios na Alemanha, Inglaterra, Escócia, Bélgica, França, Itália, Áustria e Suíça.

Em 1903, ao retornar para o Brasil, assume, sob a nomeação de Afrânio Peixoto e J.J. Seabra – ministro da Justiça do governo Rodrigues Alves – a direção do Hospital Nacional de Alienados, permanecendo por 37 anos na gestão. Foi neste local que Moreira se tornou referência no âmbito da psiquiatria científica brasileira, não apenas no interior de seu país, mas internacionalmente. De maneira **incansável**, funda, em 1905, os *Archivos Brasileiros de Medicina*, em parceria de Antônio Austregésilo e Ernani Lopes. Neste clima, cria a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Affins.

No quadro internacional, Juliano Moreira teve ampla participação, colocando o Brasil no campo da medicina e na produção científica

ao participar de inúmeros congressos médicos, como em Lisboa (1906), em Amsterdã e em Milão (1907), em Londres e em Bruxelas (1913); além disso, atuou como membro de diversas entidades científicas europeias. A atuação internacional de Moreira não se restringiu ao continente europeu, mas também na Ásia, em especial no Japão, nos anos de 1928, e, a convite da comunidade acadêmica japonesa, proferiu conferências sobre a sua especialidade em Tokyo, Kyoto, Sendai e Osaka. O resultado da sua atuação o fez ser condecorado com a Ordem Tesouro sagrado Pelo Imperador Hirohito – 1901-1992⁵.

Foi Juliano Moreira quem propôs a construção de colônias aos alienados, epiléticos e reformatórios para alcoolistas⁶; implantou a prática da escuta aos atendidos, grades em janelas nos manicômios, além de inserir música no ambiente, que hoje poderíamos considerar como prática terapêutica. Tais metodologias

demonstram a originalidade do psiquiatra baiano.

Juliano Moreira era contrário às crenças propagadas pelos intelectuais de seu contexto, principalmente no que se refere ao determinismo biológico. Dentre os alvos das contraposições de Moreira destaca-se Nina Rodrigues. Nesta direção, J. Moreira vai elaborar a sua argumentação contrária a Rodrigues a partir da ciência psiquiátrica baseada nos estudos de Émil Kraepelin (1856-1926), argumentando que as doenças mentais eram uma exceção biológica passível de ser observada através da dimensão orgânica dos indivíduos (VENANCIO, 2000). Para Moreira, não existiam doenças mentais climáticas, logo, a existência de neurastenia e histeria no Brasil não era diferente dos índices encontrados na Europa e nos Estados Unidos da América, por exemplo. Desse modo, as causas referentes às doenças mentais seriam decorrentes da falta de educação. Ainda na

Em 1903, ao retornar para o Brasil, assume a direção do Hospital Nacional de Alienados, permanecendo por 37 anos na gestão.

querela teórica, acreditava que a degeneração da raça seria fruto do alcoolismo, da sífilis e das condições precárias da educação e do sanitarismo, ao contrário de Rodrigues que concebia a degeneração como resultado da mistura das “raças”.

De modo geral, a envergadura de Juliano Moreira pode ser constatada a partir da sua investida no que diz respeito às formulações de políticas que o coloca enquanto “pai da psiquiatria”, de acordo com as suas proposituras manicomiais; ainda, a autenticidade do pensador baiano está na contraposição ao determinismo biológico e climático, isto é, a tese da inferioridade da raça deveria ser refutada uma vez considerando as condições sociais em que as pessoas viviam, quais

sejam os negros, brancos ou mestiços; por fim, Moreira foi um homem de ciência, pois acreditava na produção de conhecimento como ferramenta para explicar e superar as contradições sociais, que no seu contexto eram enfrentadas por meio de explicações mitológicas, redundando na criminalização, extinção dos segmentos considerados insignificantes.

Neste sentido, este breve texto, para além de trazer à baila um pensador de estatura – e ao mesmo tempo desprezado nos círculos acadêmicos – pode ser o ponto de partida para que não seja injusta com *Clio*, a deusa de História –, prática recorrente na historiografia brasileira. Em outras palavras, recuperar Juliano Moreira é reescrever a história dos africanos no Brasil, para que seus descendentes possam reconhecer que seus ancestrais não somente construíram a história do país, mas forneceram elementos para o processo civilizatório da humanidade. ■

Sem serviço público, será a barbárie, diz especialista em saúde mental

POR ISAÍAS DALLE

JAIR QUINTA/AGECOM



Roberto Tykanori é um dos principais especialistas em saúde mental no país. Quando estudante de medicina, fez uma viagem no estilo mochileiro para a Europa, onde deparou-se com um movimento que tomava corpo a partir de Trieste, na Itália: a reforma psiquiátrica. O movimento preconizava o fim dos hospícios e a possibilidade de tratar quem sofre de distúrbios mentais sem encarceramento.

“O atendimento aos que sofrem de distúrbios mentais graves deve ser mantido, ainda que de forma mais precária.”

A bordo dessa experiência, que define como seu despertar para o papel social do médico e a relação dele com seu país de origem, voltou ao Brasil. Corriam os anos 1980, quando profissionais de saúde e movi-

mentos sociais organizados passaram a elaborar as bases do Sistema Único de Saúde (SUS), que viraria realidade a partir da promulgação da Constituição, em 1988. No bojo dessa luta, a reforma psiquiátrica também foi construída por aqui e teve na cidade de Santos, onde Tykanori atuou na administração de David Capistrano (PT), um dos seus epicentros.

Foi coordenador de Saúde Mental no ministério de

Dilma Rousseff (PT). Já vinha do governo Lula a expansão e o fortalecimento do atendimento humanizado e universal para os problemas de saúde mental, o que incluiu o atendimento de dependência química e transtornos leves. A expansão dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) foi a maior da história nesse período.

Tais conquistas estão sob séria ameaça. Não só pelo posicionamento ideológico do atual governo, que adota política repressiva, mas pelos sérios problemas de caixa que tem. Em sua opinião, o atendimento aos que sofrem de distúrbios mentais graves deve ser mantido, ainda que de forma mais precária. No entanto, as demais angústias e sofrimentos de ordem psíquica devem ficar órfãs de tratamento sob o atual governo. Será um grande desafio, ainda mais nas periferias.

A seguir, a entrevista.

Revista Reconexão

Periferias: Tykanori, com as mudanças efetuadas na legislação da Política Nacional sobre Drogas e

com os cortes de verbas promovidos nos serviços públicos, o que podemos prever para o serviço de atendimento à saúde mental, especialmente nas periferias, onde as pessoas têm menos recursos para recorrer à rede particular?

Tykanori: Acho que vivemos dois níveis de fenômeno. Existe um problema de fundo na máquina do governo que é reflexo da crise econômica. Há uma queda de receita desde 2014, e essa queda é resultado da paralisação econômica. O governo Dilma, embora tenha chegado ao fim com o menor índice de desemprego, o que demonstrava que a economia ainda estava ativa, já apresentava arrecadação em queda. Uma parte significativa do empresariado parou de

“As demais angústias e sofrimentos de ordem psíquica devem ficar órfãs de tratamento sob o atual governo, ainda mais nas periferias.”

pagar imposto. E parece que nunca mais voltou a pagar.

Como é isso? Por que em 2014?

Era um ano eleitoral. As pessoas estavam com medo do que viria depois. E na cabeça do empresário, como não sabe o que vai acontecer, ele corta custos preventivamente. E na cabeça deles, imposto é custo. Ele não coloca imposto como um investimento, como parte de sua responsabilidade social; é custo quanto qualquer outro insumo. Se cortar os insumos, ele para a produção. Como não quer parar, corta imposto. E como parte de seu poder político e financeiro, ele aposta que vai renegociar essas dívidas lá na frente, em Brasília. Conseguem, vamos assim dizer, grandes ajustes de dívidas fiscais. Agora, nos anos seguintes o governo Temer não conseguiu de fato propor nada economicamente melhor, e, a meu ver, com uma agenda neoliberal, piorou a situação. Então, as pessoas estão cada vez mais receosas. E nos últimos dois anos, as informações que chegam é

que além de não pagarem impostos, estão fechando seus negócios. Esta semana (*terceira semana de agosto*), a imprensa anunciou que mais de 2.300 indústrias fecharam as portas no estado de São Paulo. Marcio Pochmann tem dito há muitos anos que o Brasil estava caminhando para uma desindustrialização. Agora ele informa que o nível de industrialização é semelhante ao de 1910. Este cenário de fundo, de crise econômica, vem sendo obscurecido por um monte de poeira que o governo tem levantado com suas maluquices apresentadas como se fossem propostas. Existe uma coisa concreta: foi apresentada a Emenda Constitucional 95 que estabelece uma restrição orçamentária de gastos. Mas o nosso problema não é orçamentário. É fiscal. Não adianta você ter orçamento se você não tem receita. O governo não consegue pagar as contas. Como não consegue pagar as contas, e não tem proposta de reaquecimento econômico, não tem política econômica, o governo recorre a um debate falso, dizendo “eu sou contra

“As pessoas que sofrem de transtornos mentais mais graves encontraram certo nicho na rede pública.”

isso, contra aquilo”, como se tivesse margem, receita real, para alocar em algum lugar. Eles não têm receita. E a imprensa agora anuncia que o governo quer se apropriar dos lucros das estatais para pagar as despesas correntes. Não tem dinheiro para as despesas e fica dizendo que vai tirar receita daqui para colocar em outro lugar. Claro que o debate ideológico é importante, mas o fato é que mesmo que conseguíssemos alocar determinados programas no orçamento, não haveria base real para executá-lo. E não sabem como gerar recursos. E eles vão vender ativos para pagar dívidas, isso é grave. Estão devendo as calças e vão pagar com a camiseta. Vão ficar pelados.

Essa crise geral vai pegar muito fortemente a população periférica. Já está pegando, mas vai ficar pior. A juventude vai ficar

sem acesso a trabalho, a estudo, e aí o submundo vai se tornando muito forte. A classe média rejeita esse mundo periférico, e produz-se a fratura. E nessa fratura, crime, droga, vão se estabelecendo. Essas formas alternativas de organização vão se expandindo. Então, se não caminhamos para uma barbárie completa, caminhamos para formas bárbaras de organização.

E do ponto de vista da saúde mental, com tudo isso? O que fica para quem precisará desse atendimento?

Neste ponto sou um pouco mais otimista. As pessoas que sofrem de transtornos mentais mais graves encontraram certo nicho na rede pública e as famílias e as comunidades aprenderam que é possível acolhê-los nesses espaços. Acho difícil que se desmonte isso totalmente. Mesmo que a rede não esteja em condições ideais, despotencializada, mas, tendo CAPS, as pessoas conseguem ser atendidas. Para as pessoas que têm sofrimentos mais graves, vai ser ruim, mas ainda assim menos frustrante. O mais difícil será para aqueles que



ASSOCIAÇÃO DE SAÚDE MENTAL DIFERENTE CIDADÃO DE ITANHAÉM. (PREFEITURA DE ITANHAÉM)

precisam lidar com angústias, frustrações, consumo de drogas, que não é necessariamente doença mental. É um sofrimento difuso, intenso, e que vai ficar sem canais para metabolizar essa dor. Isso provavelmente deve se direcionar para algum lugar, para expressões de violência, ruptura, de barbárie.

Você já tinha visto cenário parecido nesse período em que tem participado da construção do SUS, das políticas públicas?

Não, porque desde 1988 nós experimentamos uma trajetória de crescimento da ideia de Estado de Direito. O que nós não

“O mais difícil será para aqueles que precisam lidar com angústias, frustrações, consumo de drogas, que não é necessariamente doença mental.”

sabíamos, sequer desconfiávamos, é que era tão fácil assim para desmontar tudo isso.

Só com uma caneta BIC. Sim, com algumas bofetadas e a caneta BIC. Não é que é tão fácil. É que eu acho que setores médios e capitalistas ilustrados, que conhecem como as coisas

funcionam, se omitiram diante dessa barbárie. Tanto é que agora vem o Blairo Maggi se dizer preocupado com o fato de estarmos perdendo mercado no agro-negócio. Isso é um indicador de que essas pessoas que têm poder político, têm poder financeiro, se omitiram e deixaram essa coisa acontecer. Agora eles estão numa entalada: como vão fazer?

Isso me faz pensar na classe médica. Como você avalia que, de maneira geral, ela tem se comportado nos últimos tempos?

A classe médica tem um problema: é uma elite intelectual e com nível

técnico bem elevado, mas é muito ignorante de política e economia. Acredita, por exemplo, que a economia de um país e de uma casa é a mesma coisa, entende? A massa da classe médica pode dominar conceitos científicos muito sofisticados, mas em relação à vida prática das pessoas é só preconceito, senso comum.

É possível imaginar algum tipo de alternativa, surgido das comunidades, dos movimentos, para suprir esse desmonte dos serviços públicos de saúde, inclusive saúde mental?

Há uma dificuldade aí. Porque embora as pessoas se reúnam em comunidade, esses agrupamentos refletem o pensamento dominante, que é o pensamento capitalista. Então, trata-se de um amontoado de indivíduos, cada um cuidando de si e competindo um com o outro. Há muito pouco espaço de solidariedade. Nesse ponto as igrejas pentecostais e neopentecostais estão ocupando esse espaço. Elas dão uma segunda camada de civilidade para as pessoas: temos algo em comum, temos um patrimônio comum. Isso alivia muito as dores

“A classe médica tem um problema: é uma elite intelectual e com nível técnico bem elevado, mas é muito ignorante de política e economia.

das pessoas. Isso é muito forte. Eis algo sobre o que a esquerda deve refletir. As organizações têm que estar sintonizadas com o emocional das pessoas diante dessa barbárie que vivemos e que é mais intensa para quem vive nas periferias. Então, que dispositivos coletivos podemos pensar para que as pessoas lidem com seus sofrimentos? Nas igrejas isso funciona bem, porque as pessoas vão lá e depositam todas as suas angústias e sofrimentos.

Ainda que não consigam destruir por completo a rede pública de atendimento em saúde mental, a ausência de uma alternativa coletiva seria o caos, o abandono?

Creio que poderíamos pensar em alternativas dentro das institucionali-

dades. É possível pensar em uma reforma de parte dessas igrejas pentecostais, que ampliasse o leque de valores e conceitos? Essa pode ser uma estratégia. Outra estratégia é se aproximar dos professores, politicamente, nas escolas. Os professores estão muito abandonados, perdidos. Eles precisam de instrumentos para lidar com os jovens. Lembro do movimento de ocupação das escolas pelos estudantes secundaristas: há nas escolas um caldo de cultura que pode gerar organização. E o que fazer com os adultos? Algo que chama muito a atenção é quando as unidades de saúde promovem atividades físicas, como caminhadas, corridas, ginástica ao ar livre, medição de pressão. Aparecem muitas pessoas. Esses dispositivos poderiam ser formas de agregação e maior conscientização. Porque, quando dizemos que é preciso se reaproximar da periferia, das bases, onde seria isso, como? Montar uma subseção, um diretório, dentro da favela? Quem que vai aparecer ali? Tenho muitas dúvidas de que funcionaria. ■

Setembro amarelo – acolher, escutar e cuidar para gerar vida

THIAGO SILVEIRA

A Organização Mundial de Saúde (OMS) alertou no ano passado que, até 2020, a depressão será a principal doença incapacitante em todo o mundo. Os dados da OMS falam de 300 milhões de pessoas com esse transtorno mental. No Brasil, quase 6% da população, ou 11,5 milhões de pessoas, sofrem de depressão.

Segundo a OMS, metade de todas as condições de saúde mental começa aos 14 anos de idade, mas a maioria dos casos não é

Com o crescente número de pessoas sofrendo com depressão e ansiedade, as terapias complementares têm sido uma saída eficaz de resgate à vida e promoção da dignidade.

detectada nem tratada. A depressão pode levar ao suicídio. São aproximadamente 800 mil casos todos os anos. Entre os jovens de 15 a 29 anos,

essa é a segunda principal causa de morte.

Ainda carregados de estigmas, os sofrimentos psíquicos foram, ao longo da história, tratados de forma cruel e desumana. Há 30 anos, com a Reforma Psiquiátrica e a criação da Lei 10.216/2001, o Brasil começou a gestar uma transformação nesse aspecto da saúde mental e instituir políticas públicas efetivas de inclusão.

Espaços como os antigos manicômios, que funcionavam como cárceres

THIAGO SILVEIRA
É JORNALISTA NO MOVIMENTO SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA DO BOM JARDIM (FORTALEZA/CE).



GRUPO DE TERAPIA COMUNITÁRIA.

THIAGO PONTES



THAYGO PONTES

GRUPO TERAPÊUTICO.

sanitários, aos poucos deram lugar a experiências mais humanizadas de convívio social, como as Residências Terapêuticas (casas que visam a ressocialização de pessoas com sofrimentos psíquicos e readaptação à vida comunitária). Foi criada, ainda, a Rede de Atenção Psicossocial com a atuação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

Acolher, escutar e cuidar para gerar vida

Com o crescimento progressivo dos distúrbios psíquicos originados por fatores genéticos, sociais (desemprego) e

ambientais (poluição, más condições de alimentação, e outros) e com os riscos de retrocesso em relação à Luta Antimanicomial, essas doenças têm feito cada vez mais vítimas. Como lidar com essa problemática de saúde pública?

Desde 1996, o Movimento Saúde Mental Comunitária (MSMC) aposta em formas de tratamento alternativas para lidar com essas doenças. Fincado no chão do Bom Jardim, bairro da periferia de Fortaleza, no Ceará, marcado pelo histórico de violência, medo e ausência do poder público, a instituição criou

tecnologia social própria, a Abordagem Sistemática Comunitária, para acolher, escutar e cuidar das pessoas.

“Transformar socialmente a comunidade para o empoderamento e a garantia de direitos. Nessa perspectiva, a acolhida é incondicional a todas as pessoas”, lembra o padre Rino Bonvini, fundador da instituição.

“Eu me encontrava em uma forte depressão. Tinha crise de pânico, medo de tudo e só chorava. No Movimento me acolheram e me escutaram com muita atenção! Assim

como eu, outras pessoas superaram a depressão, a ansiedade, o medo, por meio da acolhida”, comenta Ângela Rodrigues. Ela foi acolhida no MSMC, participou dos grupos de terapia comunitária, superou a depressão e hoje é colaboradora na instituição.

“As pessoas chegam algumas vezes tristes, ansiosas e depressivas, em busca de acolhimento, muitas das vezes em busca de um simples abraço”, comenta Francimeire França, arte-educadora na Palhoça, espaço onde acontecem as Práticas

Integrativas Complementares (PICs). As práticas utilizam recursos terapêuticos diversos, baseados em conhecimentos tradicionais. O MSMC oferece aos pacientes encaminhados pelo CAPS e a toda comunidade, a experiência nos grupos terapêuticos, massagem, reiki, yoga, arteterapia, entre outros.

“As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde propiciam o cuidado de forma integral. Promovendo espaços de escuta acolhedora, possibilitando a formação do vínculo terapêutico e estimulando

a inserção do ser que está sendo cuidado com o meio em que vive”, explica Carine Franco, coordenadora da Palhoça.

O encontro, o grupo, e o enxergar cada pessoa com sua individualidade fazendo perceber que ela é formada por todo o meio que a cerca. Em meio à crise da existência, da cultura do descarte que afeta as pessoas como se fossem coisas, há vida sendo cuidada e valorizada no Bom Jardim, somada a outras várias experiências que precisam, com urgência, se espalhar por todos os cantos desse do Brasil. ■



THIAGO PONTES

ATIVIDADE COM CRIANÇAS ATENDIDAS PELA INSTITUIÇÃO

O mundo lá fora precisa de mim

SOLANGE GONÇALVES LUCIANO

SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, CONHECIDA COMO SOL, É ATIVISTA DA ÁREA DE SAÚDE MENTAL, ARTISTA PLÁSTICA, ATRIZ, ESCRITORA, CANTORA E POETA. SOBREVIVENTE DOS ESCOMBROS PSIQUIÁTRAI, É TAMBÉM FRUTO DA LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NESTE CAMPO. ACREDITA QUE A REFORMA PSIQUIÁTRICA TEM ALCANÇADO OBJETIVOS IMPORTANTES, APESAR DOS ATUAIS RETROCESSOS.

Não precisa fazer de conta que não existimos, nem fechar os seus olhos.
Pois quando abrires saberás, que somos reais e fazemos parte do seu dia a dia,
dentro ou fora dos camuflados sanatórios.
Essa história de que de médicos e de loucos, é, realmente todos temos um pouco.
Eu já vi essa “fita” na minha e na tua “quebrada” e na tua família que é rica, mané,
doença mental não é só coisa de periferia.
Nós não escolhemos ser assim, podem acreditar, existe uma “pá” de manos que,
assim como eu, precisa, necessita se tratar.
Trancafiar já era, não tá com nada, pra que excluir os que fazem parte dessa
lamentável, triste jornada.
Esqueça o passado onde os doentes ficavam enclausurados,
confinados, como loucos irrecuperáveis em depósitos humanos, disfarçados de
porões.
Doença mental é coisa séria, mano, ela nos deixa dependente de uma “pá” de
medicamento, acompanhado de terapia, bem-vindo ao mundo da psiquiatria.
Se minha mente falhou desculpe, não me culpe, pois sua discriminação só me
destruirá ou quem sabe, me fará infeliz.
Temos ideais, embora limitados, mas não nos deixe, família ou estado, nos
sentirmos abandonados.
não exclua, nos inclua, pois apenas queremos liberdade para participarmos de
coisas simples como as suas.
Então eu lhes convido, venham no refrão, mesmo sendo doentes, Deus também
nos deu um dom.
Sabem por quê?
O mundo lá fora precisa de mim, o mundo lá fora precisa de ti.
Não vamos deixar que calem nossa voz.
Pois o mundo lá fora precisa de nós.
O mundo lá fora precisa de mim, o mundo lá fora precisa de ti.
Não vamos deixar que calem nossa voz,
Pois o mundo lá fora precisa de nós.
Pois o mundo lá fora precisa de nós.

Caçadores de mentes doentes

SOLANGE GONÇALVES LUCIANO

Caçadores de mentes doentes, vocês até podem ser,
Mas a verdade que está aqui com a gente, quem é capaz de entender?

Somos um desafios para muitos de vocês,
Mas os desafiados é que vão ter que nos entender.
Pois não temos nenhuma culpa de nascermos diferentes,
Essa é a sua missão, decifrar as nossas mentes.

Caçadores de mentes doentes, vocês até podem ser, mas a verdade que está aqui
com a gente, quem é capaz de entender?

Somos bem mais do que números rotulados por vocês
E com a reforma psiquiátrica chegou a nossa vez.
Nossa metamorfose podes ver acontecer,
Essa é a fusão do meu ser e o seu saber.

Caçadores de mentes doentes, vocês até podem ser
Mas a verdade que está aqui com a gente, quem é capaz de entender?

Se estamos hoje aqui, é porque o casulo se rompeu.
Agora somos todos borboletas e esse céu não é só seu também é meu.

Caçadores de mentes doentes, vocês até podem ser
Mas a verdade que está aqui com a gente, quem é capaz de entender?

Temos uma aliada, a famosa medicação e da família e do Estado,
Suplicamos mais amor e compreensão.
Ouvi dizer que toda rosa tem espinhos
E sem querer te fiz chorar
Pois somos essas rosas com espinhos
Mas viemos ao seu mundo enfeitar.

Caçadores de mentes doentes,
Vocês até podem ser
Mas a verdade que está aqui com a gente,
Quem é capaz de entender?
Quem é capaz de entender?

Como as chacinas afetam as mulheres?

JULIANA BORGES

JULIANA BORGES É ESCRITORA E CONSULTORA DO PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS, DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO.

1. AQUI, OPTEI POR MANTER A SEPARAÇÃO ENTRE "HOMICÍDIOS DE MULHERES" E "FEMINICÍDIOS"; POSTO QUE AINDA HÁ UM PROCESSO DE ADEQUAÇÃO NOS REGISTROS DE MORTES DE MULHERES NO PAÍS. AINDA NA MAIORIA DOS CASOS, OS ASSASSINATOS DE MULHERES SÃO, PRIMEIRAMENTE, TIPIFICADOS COMO HOMICÍDIOS DOLOSOS PARA ABERTURA DE INVESTIGAÇÃO E NÃO NECESSARIAMENTE A INVESTIGAÇÃO JÁ É INICIADA COM A TIPIFICAÇÃO DE "FEMINICÍDIO". ALIÁS, ESTE DEMORADO PROCESSO DE ADEQUAÇÃO PODE SER UM PONTO IMPORTANTE DE QUESTÕES E ANÁLISES PARA PESQUISADORAS E PESQUISADORES EM ESTUDOS DE GÊNERO.

2. SILVA, U. V.; RAMOS, P. C.; SANTOS, J. L. DOSSIÊ CHACINAS E POLITIZAÇÃO DAS MORTES NO BRASIL. SÃO PAULO: EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2019. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://FPABRAMO.ORG.BR/PUBLICACOES/ESTANTE/CHACINAS-E-A-POLITIZACAO-DAS-MORTES-NO-BRASIL](https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/chacinas-e-a-politizacao-das-mortes-no-brasil/) /> ACESSO: 29 AGO. 2019.

O corpo é um espaço político, e o corpo das mulheres é um importante espaço de expressão de ato político violento.

Neste breve artigo, tentarei apresentar alguns dados e deixar muitas perguntas sobre como as chacinas afetam as mulheres. Ou seja, como este tipo de crime se manifesta quando cruzamos o indicador de gênero. As mulheres morrem em chacinas? É possível estabelecer algum paralelo com os dados sobre homicídios de mulheres e feminicídios!?

Como dito no artigo escrito por mim e a pesquisadora Sofia Toledo na edição passada do *Reconexão Periférias*, em dossiê sobre "Chacinas e Politização das Mortes no Brasil"², escrito por con-



sultores e pesquisadores colaboradores do projeto:

(...) 'chacina' é um tipo extremo de violência, executado de modo racionalizado e que tem uma origem que faz emergir sua intencionalidade: a palavra advém do abate de porcos. Ou seja, a palavra expri-

me, tanto no simbólico e nos contornos de significado que ganhou quanto na realidade expressa, a ideia de massacre, de carnificina. Ainda segundo o mesmo dossiê, chacinas podem, então, ser interpretadas como mensagens públicas, com o intuito de criar medo e temor a um

público mais ampliado, e uma demonstração de poder e autoridade conquistado elou garantido por meio de violência letal.

As chacinas, portanto, carregam um elemento forte de discurso político em sua execução. E, considerando o corpo como espaço político, ele também se apresenta como espaço de expressão discursiva. Quando se analisa o perfil dos assassinatos de mulheres, esta afirmativa fica mais evidente.

Ao observar diversos estudos e pesquisas sobre violência e sobre violência contra mulheres, é possível aferir duas questões, que também se expressam em aspectos no perfil das chacinas. As mulheres não são a maioria entre as vítimas destes crimes, seja entre homicídios, seja entre chacinas. O perfil que se sobressai entre as vítimas é o de jovens-homens-negros³, com pico entre os 18 e 24 anos. Contudo, as mulheres são as vítimas mais vulneráveis dentro de seus próprios lares. Segundo o Atlas da Violência, divulgado este

ano (2019), analisando casos de 2007 a 2017, 39,2% dos assassinatos de mulheres ocorreram nos domicílios, ante 15,9% entre os homens. E a maior incidência de mortes masculinas ocorre nas ruas e estradas, sendo 68,2% dos casos. Quando analisamos os tipos de locais das chacinas, sobressai certa diferença de padrão: dos 242 casos reportados pela imprensa e analisados na pesquisa “Chacinas e politização das mortes no Brasil”, recém-lançada pelo projeto Reconexão Periferias da Fundação Perseu Abramo, 94 ocorreram em vias públicas ou veículo, mas 87 ocorreram em residências. Ao cruzarmos o indicador de gênero, perceberemos que as mulheres foram 13% das vítimas fatais identificadas, ao passo que nos números de homicídios, em geral, o número é de 7% de mulheres entre as vítimas. As mulheres também não são a maioria entre as vítimas das chacinas. Das 1.175 vítimas, dos 242 casos analisados nesta pesquisa e que ocorreram entre 2016 e 2018, 990 foram

homens e 152 foram mulheres. Contudo, há outro fator que chama a atenção e que se relaciona com os dados de homicídios e feminicídios: é possível verificar perenidade geracional deste tipo de crime na vida das vítimas femininas. Apesar de existir uma leve acentuação na faixa etária dos 18 a 24 anos, há certa estabilidade no perfil feminino de vítimas de chacinas dos 5 aos 66 anos.

Como apontado em diversos estudos de gênero e feministas, as mortes de mulheres envolvem também certo perfil cerimonioso. Há certa premeditação nos assassinatos de mulheres, e os requintes de crueldade são expressivos, sendo muitas delas mortas diante dos filhos, executadas por pauladas, dezenas de facadas (muitas vezes no rosto), denotando a inegável presença de misoginia.

Ao relacionarmos com o fator da chamada Guerra às Drogas, ficam mais fortes os fatores que nos conectam a uma análise da politização das chacinas no país. Como já

3. UTILIZO AQUI OS HÍFENS PARA DETONAR “JOVENS-HOMENS-NEGROS” COMO UMA CATEGORIA ANALÍTICA, CONFORME AFIRMA E APONTA A SOCIOLOGA VILMA REIS EM SUA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. REIS, V. *ATUAIADOS PELO ESTADO: AS POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA IMPLEMENTADAS NOS BAIRROS POPULARES DE SALVADOR E SUAS REPRESENTAÇÕES*. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. SALVADOR: UFBA, 2005.

4. VER MAIS SOBRE ESSA DIFERENCIAÇÃO ENTRE PODER E VIOLÊNCIA EM HAN, BYUNG-CHUL. TRAD. ENIO PAULO GIACHINI. *TOPOLOGIA DA VIOLÊNCIA*. PETRÓPOLIS: VOZES, 2017.

5. KRENAK, A. IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2019.

dito, as chacinas carregam um forte elemento político, tendo no medo um foco discursivo, que se contrapõe ao exercício da liberdade. Mas não uma politização como política que se exerce por um poder mediador. Pelo contrário, estes tipos de crime são carregados de extrema violência porque a utilizam como fator de completa destruição⁴. O “recado” que se apresenta é o de aniquilamento. Neste sentido, os requintes de crueldade nos assassinatos de mulheres também podem conter forte relação com esta intentada tipologia “chacina”. As mulheres são como objetos de guerra e os crimes contra elas são exemplares na guerra às drogas, ou seja, o caráter político se explicita em crimes com diversos estágios até o assassinato em si: tortura, estupro, raspagem dos cabelos, corte de seios, decapitação. Muitos destes crimes são, ainda, filmados e enviados para a facção rival para documentar e deixar explícito o caráter político de demonstração de poder.

Neste sentido, os requintes de crueldade nos assassinatos de mulheres podem conter forte relação com esta intentada tipologia “chacina”.

Ao que se apresenta, entre os estados líderes de chacinas e homicídios e feminicídios de mulheres há um encontro em 2018, sobressaindo-se São Paulo e Ceará. Mas é preciso aprofundar a análise, considerando a série histórica de 2016 a 2018. Com isso, talvez seja possível uma mais completa investigação sobre as características e dinâmicas próprias destes territórios e quais são os pontos de cruzamento na explicitação do fenômeno da violência.

Mas o foco aqui foi de colocar mais dúvidas e “pulgas atrás da orelha” sobre essas relações que se evidenciam quando cruzamos gênero para pensar o fenômeno da violência na sociedade brasileira. Seguindo na minha concordância com a afirmativa de Marilena

Chauí da violência como mito fundacional da sociedade brasileira, e das afirmações veementes de Angela Davis de que gênero é um fator estruturador do sistema prisional e, portanto, da violência como discurso e prática social, penso que, talvez, não seja apenas o número de casos que podem dar conta de uma análise de determinados fenômenos da sociedade brasileira. Aliás, me parece que focar apenas no volume destes incidentes, ou crimes, tira a possibilidade analítica da complexidade da sociedade. Ou seja, não utilizar a interseccionalidade como ferramenta analítica tem como consequência leituras insatisfatórias. Ao insistirmos nestas falhas, não nomearemos nossos problemas e desafios a contento. E, ao não fazermos isso, dificilmente conseguiremos superar a violência como característica elementar do país. Em vez de encontrarmos soluções, como afirma Ailton Krenak⁵, seguiremos sem entender porquê estamos caindo neste abismo em alta velocidade. ■

Condições de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras informais na última década

LÉA MARQUES SILVA E MATHEUS TANCREDO TOLEDO

Esse espaço da Revista é dedicado ao debate em torno da Pesquisa “Trajetórias da Informalidade no Brasil Contemporâneo” realizada pela FPA. Assim, todo mês publicamos artigos escritos por pesquisadores parceiros e pesquisadoras parceiras do projeto que atuaram na coleta e pré-análise dos dados ou fomentamos o debate com leituras que a equipe do projeto Reconexão Periferias tem dos dados e das análises resultantes da pesquisa.

No mês de setembro optamos por trazer para o debate os resultados obtidos em torno da hipótese n. 10 da pesquisa, que afirmava como pressuposto que *“as condições de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras informais não melhoraram significativamente na última década”*. Tal hipótese tem base na percepção de que embora

A pesquisa “Trajetórias da Informalidade no Brasil Contemporâneo” demonstrou que nos últimos dez anos as condições de trabalho não melhoraram significativamente para quem está na informalidade.

o cenário político econômico nacional e as políticas públicas de emprego e renda tivessem, inegavelmente, tido avanços durante os governos Lula e Dilma, o cotidiano das condições em si das tarefas de trabalho da população informal não teria se modificado.

A partir das entrevistas verificou-se que tal hipótese, para a maioria das categorias pesquisadas, se confirmou. O caso dos(as) ambulantes

é o mais gritante. Os relatos convergem para a melhora das condições de renda devido ao aumento no faturamento. Mas o trabalho seguiu exaustivo e, na maior parte das vezes, degradante. Nessa ocupação há um padrão de jornadas de mais de 10 horas por dia, sem qualquer grau de seguridade social e pouquíssimos benefícios. O mesmo vale para trabalhadores informais da construção civil, que não apresentaram relatos de melhora das condições laborais. No caso dos trabalhadores do serviço de mototáxi e de motoboy, para além de suas condições não terem melhorado, há relatos de uma piora latente: o processo de “uberização” do trabalho. Tal processo incentiva a disputa entre os trabalhadores, aumenta a concorrência e alonga as jornadas. A piora nas condições do trânsito das grandes cidades, gerando insegurança,

LÉA MARQUES SILVA É SOCIOLOGA E CONSULTORA DO EIXO “TRABALHO” NO PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS, E MEMBRA DA COORDENAÇÃO-EXECUTIVA DA PESQUISA “TRAJETÓRIAS DA INFORMALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO”.
MATHEUS TANCREDO TOLEDO É CIENTISTA POLÍTICO, ANALISTA DE PESQUISAS E DE POLÍTICA NA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO E MEMBRO DA COORDENAÇÃO-EXECUTIVA DA PESQUISA “TRAJETÓRIAS DA INFORMALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO”.

acidentes e mortes, também surge como um vetor que reflete diretamente nos relatos sobre o rebaixamento nas condições de trabalho dessa categoria.

Todavia, entre as trabalhadoras domésticas e as manicures temos relatos no sentido contrário, as entrevistadas relatam que, na última década, suas condições de trabalho melhoraram. As domésticas afirmaram que isso é verificado tanto pela diminuição da jornada semanal, quanto por melhores e mais numerosos acessos a clientes. Há relatos, no entanto, que o primeiro ponto, redução da jornada, ocorreu também às custas da formalidade, com a mudança da condição de “empregada doméstica” para “diarista”, que foi a saída para muitas dessas trabalhadoras após a aprovação da PEC das Domésticas e a negativa dos patrões e patroas em formalizar a relação de trabalho. No caso das manicures, o destaque positivo se atrela aos relatos de

Resultados apontam para o debate que nem sempre avanços econômicos e sociais do país refletem direta e rapidamente em melhorias no cotidiano do exercício do trabalho.

conquista do próprio negócio, o que conferiu mais autonomia sobre o cotidiano das tarefas; e o negativo aos diversos problemas de saúde que as trabalhadoras possuem, como fortes dores nas costas e nos braços, oriundos do trabalho que exercem.

As trabalhadoras do ramo de confecção mencionam os anos de governos do PT como positivos para os trabalhadores, mas não apresentaram relatos específicos sobre as próprias condições de trabalho, que também seguem repletas de jornadas longas e condições, por muitas vezes, precárias. Entre os trabalhadores e trabalhadoras da construção civil, a

partir das entrevistas realizadas não há relatos de reconhecimento ou percepção de melhorias ou retrocessos gerais no país, tampouco de alterações nas condições de exercício do trabalho.

Os resultados obtidos a partir dessa hipótese contribuem para o debate de que nem sempre avanços econômicos e sociais do país refletem direta e rapidamente em melhorias no cotidiano do exercício do trabalho. No caso da informalidade, essas relações podem ser até mesmo contraditórias, o que demonstra a necessidade de construção de políticas que tenham como foco alterar diretamente tais condições. Contudo, se os avanços não são rapidamente fatores de melhorias, políticas de retrocessos, de aumento do desemprego, desregulamentação do trabalho e a ausência de perspectivas para o futuro, como encontra-se o atual cenário do Brasil, certamente interferem diretamente no dia a dia da vida desses trabalhadores e trabalhadoras. ■

■ **Norte**

Acre

Ação Social MGV - De Mãos Dadas

Data: 11/10

Horário: a partir das 8h

Local: Creche Comunitária Vida Nova

Obs: aceitam doações de roupas, material de limpeza, material escolar, brinquedos, alimentos e livros

3º Seminário de Arte e Educação: outros lugares da arte

Data: 18 a 21/09

Horário: a partir das 17h

Local: Universidade Federal do Acre (UFAC)

Amapá

Exposição "Vida Palafítica: o habitar sobre águas urbanas"

Data: 23/09 a 28/09

Horário: 9h

Local: Biblioteca Pública Elcy Lacerda - Rua São José, 1800 Macapá

Amazonas

Circus Weekend

Data: 27, 28 e 29/09

Horário: 23h e no dia 29 a partir das 18h

Local: Largo 443 - Rua 10 de Julho, 443, Manaus

Pará

Biblioteca Tralhoto Leitor – Projeto Ecobiblioteca Comunitária

Oficina sobre Identificação e

Catálogo por Cores promovida pela Rede Amazônia de Bibliotecas

Data: 20/09

Horário: 10h às 15h

Local: Biblioteca Tralhoto Leitor

Ilha de Caratateua

Belém

Encontro no Terreiro

Data: 15/09

Horário: 9h

Local: Instituto Nangetu

Tv. Pirajá, 1194

Belém

Rondônia

Café Filosófico: Noite de Contos

Data: 28/09

Horário: 19h30

Local: Nova Acrópole Porto Velho -

Escola de Filosofia

Beco Carlos Mader, 159,

Porto Velho

Roraima

Teatro de rua "Retratos de uma vida"

Data: 19/09

Horário: 19:30

Local: Praça das Águas - Av. Cap. Ene

Garcez - Centro, Boa Vista

Tocantins

Cine Documentário Palavra de Cineasta

Data: 21/09

Horário: 16h às 18h

Local: Cine Cultura Palmas

Espaço Cultural de Palmas, 77

■ Nordeste

Alagoas

Rock In Jaça Festival

Data: 21/09

Horário: 17h às 23h

Local: Praça do Jacintinho - A terceira
Maceió

Bahia

Espectáculo O Último Capítulo volta a cartaz com projeto Tem Psicoterapeuta na Plateia

Data: 18/09

Horário: 20h

Local: Sala do Coro do Teatro Castro Alves
Obs: R\$ 30 inteira e R\$ 15 meia; ingressos
disponíveis para compra no site
www.ingressorapido.com.br

Espectáculo Pele Negra, Máscaras Brancas

Data: 05 a 22/09 - de quinta a
domingo

Horário: 19h

Local: Espaço Cultural da Barroquinha
Obs: R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00 (meia);
vendas antecipadas online no site
www.sympla.com/dagenteproducoes

Roda de Capoeira

Data: 06/10

Horário: 9h30

Local: Praça de São Tomé de Paripe
Salvador

Ceará

Grupo de Estudos "Gênero, sexualidade e violência"

Data: 27/09

Horário: 15h às 17h

Local: Laboratório de Estudos
da Violência - LEV - Avenida da
Universidade, 2295, Benfica - Fortaleza

Maranhão

Grande Romaria da terra e das águas

Data: 21 a 22/09

Horário: 17h de 21/09 até as 08h de
22/09

Local: Parque das Cidades
Caxias

Rodas de conversas nas comunidades sobre Direito e cidadania

Data: 24/09

Horário: 18h

Local: Comunidade Caxirimbu
Caxias

Paraíba

Inscrições para a 17ª Turma do Curso de Formação de Juristas Populares (modalidade: presencial) - Fundação Margarida Maria Alves

Data: 03/09 à 31/10

Local Site da Fundação
www.fundacaomargaridaalves.org.br/
e sede da Fundação
Rua Irineu Joffily, 185 - Centro
João Pessoa

Maracatu Maracastelo

Data: 13/10

Horário: 16h

Local: Casa de Cultura Livre Olho D'água
Rua Deputado Barreto Sobrinho, 344 -
Tambia
João Pessoa

Roda de conversa sobre os povos indígenas

Data: 18/09

Horário: 19h

Local: Casa de Cultura Livre Olho D'água
Rua Deputado Barreto Sobrinho, 344 -
Tambia
João Pessoa

I Seminário Nacional de Educação Popular e MSC

Data: 09 a 11/10

Horário: a partir das 18h

Local: Centro de Educação CE

Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa

Piauí

Afroempreendedorismo e mulheres negras : identidade e resistência

Data: 14 e 15/09

Horário: 9h

Local: Comunidade Quilombola Periperi
Amarante

Rio Grande do Norte

Oficina de Fabricação e Prática da Peteca

Data: 19 a 21 de setembro

Horário: 9h às 16h

Local: Casa da Cultura de Macaíba

R. Dr. Francisco da Cruz, 39-99

Macaíba

Sergipe

Espectáculo “Meu Pé de Laranja”

Data: 21 e 28/09

Horário: 16h

Local: Museu da Gente Sergipana

Avenida Ivo do Prado, 398, Centro

Aracaju

Obs: ingressos 30,00 (inteira) e 15,00 (meia)

Festival em Homenagem aos grandes nomes do Reggae

Data: 21/09

Horário: a partir das 22h

Local: Tequila Café

Aracaju

Ingressos antecipados: TunaStore,
Glorious Tatto, Venice Skate Shop e
Sympla

VII Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop

Data: 27, 28 e 29/09

Horário: às 18h no dia 27 e

a partir das 8h dias 28 e 29

Local: Abertura dia 27, no Centro Cultural de Aracaju

Praça General Valadão, Centro

Aracaju

Programação dias 28 e 29:

Centro de Criatividade

Rua Dom Bosco, 119 - Cirurgia

Aracaju

Centro - Oeste

Distrito Federal

11ª Parada LGBTQI+ Gama-DF

Data: 29/09

Horário: 13h

Local: Estádio Walmir Campelo Bezerra

Gama

Grupo de convivência, Mulheres: Tecendo suas História. “Árvore do meu empoderamento”

Data: 21/09

Horário: 14h às 16h30

Local: Núcleo Bandeirante, área aberta com parques

Obs: durante o grupo, há em paralelo um grupo com as crianças

Grupo de convivência, Mulheres: Tecendo suas História. “SUS e Saúde Mental”

Data: 05/10

Horário: 14h às 16:30

Local: Núcleo Bandeirante, área aberta com parques

Obs: durante o grupo, há em paralelo um grupo com as crianças

200 dias do Governo do Distrito Federal (GDF)

Data: 21/09
Horário: 19h
Local: Núcleo de Formação Popular
Família Hip Hop
EQ 304/307 Conjunto C Lote 1
Brasília

Goiás

Cine Vila - exibição do documentário corações e mentes escolas que transformam

Data: 16 e 24/09
Horário: 19h
Local: Casa da Lua / Escola Pluricultural
Odé Kayodê
Rua Padre Felipe Leddet, 26
Goiânia

Mato Grosso

Casarão Social - Especial do Dia das Crianças - Pedra 90

Data: 13/10
Horário: 14h
Local: Instituto Cultural Casarão das Artes
Av. A Quadra 13, Jardim São Paulo
Cuiabá

Cafundó - Onde o Vento Faz a Curva

Data: 20/09
Horário: 19h às 22h
Local: Cine Teatro Cuiabá
Av. Presidente Getúlio Vargas, 247
Cuiabá
Obs: Ingressos de R\$15,00 a R\$30,00
(toda a bilheteria do espetáculo será revertida em apoio ao I Encontro Nacional de Mulheres Sem Terra)

Mato Grosso do Sul

CineFórum UEMS - Cinema, Literatura, Sociedade e Debate

Data: 23/09
Horário: a partir das 18:30
Local: UEMS Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Rodovia MS 080, Conjunto José Abraão
Campo Grande

■ Sudeste

Espírito Santo

Encerramento do ciclo 2019 das atividades do Ecocine

Data: 14/10
Horário: 16h
Local: Praça Vila Baiana - Jaburu
Vitória

Minas Gerais

Morro Encena - apresentação do espetáculo "O marido que comprou uma bunda a prestação" No 5º Encontro Nacional de Capoeira Angola

Data: 21/09
Horário: 15h
Local: Av. Jequitinhonha, 1060,
Comunidade Saudade/Alto Vera Cruz
Belo Horizonte

Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango - Rua de Erê

Data: 06/10
Horário: 9h às 19h
Local: Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango
Belo Horizonte

Rio de Janeiro

24ª Parada do Orgulho LGBTI+ Rio

Data: 22/09
Horário: 11h
Local: Praia de Copacabana, posto 6
Rio de Janeiro

São Paulo

Sarau do Vale Edição de Setembro

Data: 14/09
Horário: 18h
Local: Bar do Zé Costa
Rua Wladimir Cardoso, 4

Sarau do Vale - Edição Especial

Data: 29/09
Horário: 14h
Local: Casa De Cultura São Mateus
Rua Monte Mandira, 4
Obs: microfone aberto para intervenções poéticas, musicais e artísticas

II Festival de Agroecologia e Ecoturismo do Leste Paulista

Data: 05 e 06/10
Horário: a partir das 10h
Local: CEFOL (Centro de Formação e Lazer)
Rodovia Dom Pedro I, Km 118, s/n
Valinhos
Obs: 10 reais a entrada
Inscrições para oficinas no site do evento

O Curta Suzano – Mostra do Curta-metragem do Alto Tietê

Data: 25 a 28/09
Horário: a partir das 10h
Local: Cine-teatro Wilma Bentivegna
Rua Paraná, 70
Suzano

A invenção da Maldade - Performance - Marcelo Evelin - Demolition Incorporada

Data: 19 e 20/09
Horário: 20:30
Local: Sesc Campinas
Rua Dom José I, 270 - Bonfim
Campinas

Inventário Verde da Boa Esperança

Data: 04/09 a 03/11
Horário: terça a sexta das 9h às 20h
sábado, domingo e feriado das 11h às 20h
Local: Itaú Cultura
Av. Paulista, 149 - Bela Vista
São Paulo

O Festival da Primavera Ser Integrado, terá atividades de bem-estar e autocuidado, música e dança, para a comunidade do Jardim São Luís

Data: 28/09
Horário: 13h às 18h
Local: Fundação Julita
Rua Nova do Tuparoquera, 249
Jardim São Luís

FeiJu+Bazar

Data: 5 de outubro de 2019
Horário: 10h às 16h
Local: Fundação Julita
Rua Nova do Tuparoquera, 249
Jardim São Luís

■ Sul

Rio Grande do Sul

Lançamento do livro "A ressurreição do Negro"

Data: 13/09
Horário: 18h30 a 21h30
Local: Clube Cultural Fica Aí
Rua Marechal Deodoro, 368
Pelotas

10ª Edição do espetáculo A dança dos Orixás

Data: 21 e 22/09
Horário: 18h (21/09) e 21h (22/09)
Local: Charqueada São João

Estrada da Costa, 750,
Pelotas
Obs: ingressos de 60 a 30 reais

Santa Catarina

Workshop dança de matriz africana com Daniel Amaro

Data: 14 e 15/09
Horário: a partir das 9h30
Local: Jardim Cidade Florianópolis, 705
Doralice Ramos Pinho
Florianópolis

Paraná

Projeto Vidora - Por que as mulheres permanecem em relacionamentos abusivos?

Data: 25/09
Horário: 18h
Local: Bloco Amarelo - UP
Universidade Positivo (UP)
Curitiba

OPORTUNIDADES

Edital	Foco	Prazo	Link
Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras	Acelerar o desenvolvimento das habilidades entre líderes negras que tenham como meta ocupar espaços de poder nas estruturas do Estado (executivo, judiciário, legislativo), setor privado, organizações internacionais, universidades, organizações da sociedade civil	De 3 de setembro a 4 de outubro de 2019, até às 23h59min, horário de Brasília/DF	http://baoba.org.br/edital-pad/
Seleção de Projetos de Incentivo à Cultura e ao Esporte (Leis Federais)	Cada Proponente pode indicar uma única proposta no edital. Para submissão da proposta, avalie se você possui todos os documentos necessários, conforme respectivos Regulamentos, que você encontra na seção "Arquivos" da Plataforma Prosas.	Inscrições contínuas	https://prosas.com.br/editais/4532-selecao-de-projetos-de-incentivo-a-cultura-e-ao-esporte-leis-federais
Credenciamento e Seleção de Artistas e Expositores Interessados em Participar do Mercado Casa Porto	Esta iniciativa tem por finalidade ocupar os equipamentos públicos culturais em cumprimento à Lei 8.718/2014 – Plano Municipal de Cultura de Vitória. Constitui objeto do presente edital a seleção de artistas plásticos, designers, artesãos, e expositores interessados em participar do Mercado Casa Porto, a ser realizado no ano de 2019.	20/09/2019 18:00	https://prosas.com.br/editais/5720-edital-no-0092019-de-credenciamento-e-selecao-de-artistas-e-expositores-interessados-em-participar-do-mercado-casa-porto
24º Cultura Inglesa Festival	Língua inglesa, multiculturalismo, pluralidade, interdisciplinaridade, processos de tradução linguística e cultural e diálogo entre culturas são alguns dos conceitos que inspiram a renovação deste Edital, que reforça o compromisso da Cultura Inglesa com o fomento à criação artística nacional e o intercâmbio com a cultura britânica.	26 de agosto a 2 de outubro	https://cultural.culturainglesasp.com.br/wp-content/uploads/2019/08/Regulamento-do-Edital-do-24%C2%BA-CIF-1.pdf

Rumos Itaú Cultural 2019-2020	Entre os critérios para a seleção, destacamos singularidade, relevância e consistência. As propostas são avaliadas em três fases.	3 de setembro de 2019 (00h01) a 18 de outubro de 2019 (23h59) – horário de Brasília.	https://rumositaucultural.org.br/
Prêmio Funarte Descentrarte	Seleção de projetos alcança cidades de médio porte, com incentivo financeiro a ações ligadas a artes visuais, dança, teatro, literatura e artes integradas. O programa vai contemplar 120 projetos artísticos de qualquer município do Brasil que tenha população entre 50 mil e 100 mil habitantes – ou seja, de cidades consideradas de médio porte	4 de setembro a 21 de outubro de 2019	http://www.funarte.gov.br/edital/premio-funarte-descentrarte/
Chamada Pública – XXIII Bial de Música Brasileira Contemporânea	Podem participar desta chamada pública compositores brasileiros ou domiciliados no país há no mínimo três anos. As obras devem ter sido compostas a partir de 2015 e não podem ter sido apresentadas em edições anteriores da Bial. Cada proponente deverá enviar uma partitura em arquivo virtual, formato pdf, para a equipe organizadora, com o nome do compositor e a data de composição.	3 a 19 de setembro de 2019	http://www.funarte.gov.br/edital/chamada-publica-xxiii-bial-de-musica-brasileira-contemporanea/
Programa de Qualificação em Artes das Oficinas Culturais do Estado	Se você tem um grupo de teatro ou dança e está em busca de orientação artística, troca de conhecimento, experimentação, profissionalização e visibilidade	Grupos de dança até 21 de outubro/2019 e grupos de teatro até dia 14 de novembro/2019.	https://fundacc.sp.gov.br/programa-de-qualificacao-em-arte/
8º Concurso de Fotografia do Projeto Rio Vivo	Uma realização do Grupo Bandeirantes de Comunicação no Vale do Paraíba, envolvendo a participação de moradores da região: Vale do Paraíba, Vale Histórico, Serra da Mantiqueira e Litoral Norte, poderão participar somente fotógrafos amadores, não profissionais, cuja imagem não possua características comerciais.	até 25 de setembro/2019	https://www.facebook.com/notes/projeto-rio-vivo/8%-C2%BA-concurso-de-fotografia-regulamento/2981669928572922/

OPORTUNIDADES

Fundo de Ação Urgente (Urgente Acction Fund) – Por los Derechos de las Mujeres	Fundo feminista para a América Latina e Caribe que procura fortalecer as ativistas e seus movimentos sociais	Contínuo	https://fondoaccionurgente.org.co/
Processo eleitoral eleições do Conselho Estadual de Política Cultural	O presente edital tem por objetivo a escolha dos membros temporários da sociedade civil representantes dos segmentos culturais para o Conselho Estadual de Política Cultural, sendo 1 (um) titular e 1 (um) suplente para cada um dos 19 (dezenove) segmentos integrantes do CEPC.	26 de agosto a 10 de outubro de 2019 até às 23h59	http://editais.cultura.ce.gov.br/project/eleicoes-cepc-2020-2022/